

MEMORIAL DO MANECO: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Marta Rosa Borin¹
Maria Helena N. Romero²

Resumo

O Memorial do Colégio Manoel Ribas, cujo prédio teve sua construção ligada à criação da Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha, em 1922, seu acervo contempla histórias vividas que podem ser conhecidas através da pesquisa no arquivo fotográfico e documental, vestígios que revelam o cotidiano e a cultura educacional de uma época. Assim, este texto tem por objetivo relatar experiências no Memorial com estudantes e cuja metodologia consistiu em aulas expositivas, visitas e uma releitura do acervo pelos alunos. Como considerações finais, acreditamos que as ações educativas podem contribuir com a divulgação e a valorização desse espaço como patrimônio portador de significados à comunidade escolar.

Palavras-chave: Ensino. Memorial. Museu

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de pesquisa está centrado no Memorial do Colégio Manoel Ribas de Santa Maria/RS, criado no final da década de 1990, unidade do Colégio Manoel Ribas, instituição pública de Ensino Médio, mantida pelo Estado do Rio Grande do Sul. O prédio onde ele está alocado é reconhecido pela sua importância arquitetônica e histórica, bem como por fazer parte da memória do segmento ferroviário de Santa Maria. Por ser representativo para a sociedade regional foi tombado como Patrimônio Histórico do Estado, pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRS, em 2000.

¹Doutora em História pela UNISINOS, professora do Programa de Pós-graduação em História, do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural – Mestrado Profissional, professora do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria/Brasil, Orientadora. mrborin@gmail.com

²Mestranda no Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Especialista em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil/UFMS. Professora e Supervisora do PIBID/HISTÓRIA/UNIFRA no Colégio Estadual Manoel Ribas/Santa Maria/RS. E-mail. romeromariahelena@gmail.com

O acervo do Memorial do Maneco, como é conhecido, está relacionado à educação e é composto de livros, documentos, mobiliários, fotografias, indumentárias, entre outros objetos. Assim, entende-se que o memorial não existe sem os educandos, são eles que mantêm viva a história do colégio e o seu arquivo documental reflete isto. Mas, o memorial também comporta uma exposição de objetos que permitem refletir sobre os saberes e o cotidiano escolar no passado.

No amplo espaço do Memorial são realizadas mostras e exposições, palestras, oficinas e ações educativas, voltadas para estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior, de diferentes instituições de ensino, contando também com a participação da comunidade santa-mariense. O Memorial está cadastrado no Sistema Municipal de Museus de Santa Maria (SMMSM). Assim, esse artigo tem como objetivo, além de relatar atividades pedagógicas desenvolvidas com estudantes no Memorial do Maneco, refletir sobre o papel deste como espaço de educação.

O COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS: PATRIMÔNIO CULTURAL FERROVIÁRIO

A história do Colégio está ligada a origem da Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha, criada em 1921, pela Cooperativa dos ferroviários para atender as meninas filhas dos associados³. A CCEVFRGS comprou a área próxima à Praça Cristóvão Colombo (atual Praça Eduardo Trevisan), na Rua José do Patrocínio, nº 85, Centro de Santa Maria, construindo um prédio com instalações amplas, salas de aula, refeitório, lavanderia, padaria, capela e com infraestrutura para internato e externato. Os novos espaços, inaugurados em 1930, receberam 182 jovens estudantes (KREBS, 1996, p. 10; PEREZ, 1988, p. 138).

A parte pedagógica e administrativa da Escola Santa Terezinha foi entregue as Irmãs Franciscanas do Colégio Sant' Ana. Inspirada no modelo dos Liceus franceses a Escola ofereceu o Ensino Profissional e o Curso Elementar Feminino⁴ (ALCÂNTARA; MELLO, 2015, p.196). Além do Curso de Música⁵, as meninas tinham o Curso de Economia Doméstica, com opções de copa e cozinha, aulas de

³ Cooperativa dos Funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul – CCEVFRGS.

⁴ A Escola Santa Terezinha constituiu-se na única exceção de escola com caráter profissionalizante para o sexo feminino, que começou a funcionar como um Curso Elementar Feminino em 11 de junho de 1924 (FLÔRES, 2008, p. 317).

⁵ Onde estudavam teoria e solfejo, piano, violino e bandolim.

pintura, bordado e corte e costura, pois, à época a prioridade era a preparação das jovens para as atividades do lar (PEREZ, 1998, p. 139). Esse era considerado um ensino-modelo, de acordo com os padrões e concepções da sociedade da época:

Num contexto social limitado para a mulher é fundada uma Escola profissional que ampliará os horizontes femininos, oferecendo-lhes uma formação intelectual [...]. Transformar jovens em ótimas donas-de-casa e conseqüentemente em boas esposas e mães é aparentemente o maior objetivo da Escola de Artes e ofícios (KREBS, 1996, p. 16, 20).

A Escola foi autorizada, pela Secretaria de Educação estadual, a incluir no seu currículo a habilitação Exercício do Magistério, componente curricular que permitia que as moças, ao concluírem o Curso Complementar, pudessem se dedicar as funções do magistério. No âmbito da formação geral, havia matérias como Português, Aritmética, Geometria, Geografia, História do Brasil e Ciências (FLÔRES, 2008, p. 335). A Escola Santa Terezinha, durante os anos de 1921 a 1942, realizou mais de onze mil matrículas de alunas, entre internas e externas, encerrando em 1942 suas atividades (PEREZ, 1988, p.146).

Nessa época, “a educação envolvia a doutrinação da mulher sobre seu lugar na sociedade”. Para o ideário positivista do início do século XX, as mulheres “deveriam mais ser educadas do que instruídas”, a informação e o saber científico e cultural eram para homens, já que lhes conferia poder; e a educação da mulher era para prepará-la para desempenhar seu papel de mãe e de esposa na sociedade (LOURO, 1987, p. 26 e 27)

A partir de 1943, o Estado, como locatário do prédio da extinta Santa Terezinha, cria a Escola Artesanal Dr. Cilon Rosa, e abriga também o Grupo Escolar João Belém. Já o Colégio Manoel Ribas, conhecido como Maneco, teve sua origem a partir de uma proposição da vereadora Helena Ferrari Teixeira ao governo estadual, em 1953. A Instituição, a partir de 1954, oferece os Cursos Ginásio, Científico e Clássico, chegando a ter mais de três mil alunos que também se dedicavam a Banda Marcial do Colégio Manoel Ribas, criada em 1956.

Figura 1 – Fotografia do Colégio Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas. Década de 1970.



Fonte: Acervo fotográfico. Arquivo do Memorial do Colégio Manoel Ribas, Santa Maria, 1980.

Tal é a importância arquitetônica e cultural do prédio do Colégio Manoel Ribas que o mesmo foi considerado Patrimônio Histórico de Santa Maria em 1995 e, mediante Portaria n. 30 da Secretaria de Estado da Cultura, de 26 de outubro de 2000, foi incluído no tombamento do Sítio Ferroviário⁶ de Santa Maria, tombados como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE.

O MEMORIAL DO COLÉGIO MANOEL RIBAS: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

O Memorial do Colégio Manoel Ribas ou “Memorial do Maneco”, como é conhecido na cidade, tem seu acervo ligado a história e a memória do Colégio, da Viação Férrea e da cidade de Santa Maria. Por ocasião do processo de restauração do prédio do Colégio Manoel Ribas, no final da década de 1990, inicia as atividades de organização do Memorial. Aos poucos se reuniu objetos para compor o seu acervo como: fotografias, jornais, mobiliários, indumentárias, equipamentos entre outros.

⁶ O Sítio Ferroviário de Santa Maria é composto de: “Estação de passageiros; os pavilhões 1, 2, e 3; a plataforma de embarque; o largo da estação; o plano de loteamento da Vila Belga, 44 edifícios residenciais do tipo germinado, o edifício comercial da Associação de Funcionários da Viação Férrea; o edifício de escritórios, depósitos e armazéns da Cooperativa dos Funcionários da Viação Férrea e o Colégio Manoel Ribas” (SCHLEE, 2002, p. 96).

Destaca-se que o Memorial do Maneco cumpre um relevante papel à instituição pública de Ensino Médio, a qual está vinculado, não apenas do ponto de vista educacional, mas, sobretudo, do ponto de vista social, na medida em que organiza e disponibiliza para a sociedade santa-mariense os testemunhos de sua história, pois a origem da Escola está relacionada a um segmento social de importante significado para a história do Estado: as famílias dos funcionários da Viação Férrea do Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 2 – Interior do Memorial do Colégio Manoel Ribas.



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial do Maneco, Santa Maria, 2015.

No entender de Paulette Mcmanus (2013, p. 23,24), o museu como espaço de aprendizado não formal é anterior à educação formal, que está hoje consolidada, sendo uma necessidade humana para alcançar um desenvolvimento adequado e normal. No sistema formal de ensino, de acordo com a autora, a criança quando começa não escolhe o que quer estudar, é a escola que define, no entanto, antes do surgimento das instituições de ensino, predominava “o aprendizado não formal no qual a pessoa ficava ao lado do mestre, observando e aprendendo”. O museu é um espaço onde podemos trazer o nosso próprio conhecimento e aprender com o que está lá. Conforme a historiadora é nos ambientes informais que aprendemos a maioria das coisas no percurso da nossa vida, e “o museu deve ser percebido como um lugar onde é possível se ter a livre opção de se chegar lá e aprender”. Destaca ainda, que a educação informal é fundamental para a formação, ela ajuda “as pessoas a pensar, traz autonomia e faz com que tenham uma compreensão do todo”.

Por sua atribuição formativa, os Museus são lugares dotados de função social:

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo, se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas, afirmação de identidades; [...]; lugares educativos, que se constituem e fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social; os museus, nos diversos territórios, forjam os vínculos das pessoas umas com as outras, são lugares de interlocução comunitária, [...]. Os museus, enquanto equipamentos culturais devem estar a serviço do conhecimento, da melhora da qualidade de vida das pessoas (PINHEIRO, 2015, p. 58).

As discussões promovidas pela Nova Museologia, nas décadas de 1970/80, no entender de Sander (2006), foram importantes no sentido de terem destacado o papel educativo dos museus e sua relação/aproximação com o público visitante, superando-se assim, a antiga ideia do Museu apenas como um depósito de coisas velhas, sem nenhum significado para a vida prática, ele passa a assumir uma nova função, a de “socialização de ensino-aprendizagem [...] o caráter pedagógico dos museus reside nas suas possibilidades educativas, que precisam dialogar com os espaços de educação formal” (SANDER, 2006, p. 6).

Aloísio Magalhães em 1980, como Secretário da Educação, já percebia que: “Há poucos estímulos nas escolas para a importância dos museus; não há recursos humanos, nem materiais, e falta uma política nacional de museus (...)” (MAGALHÃES, 1997 apud RANGEL; NASCIMENTO JUNIOR, 2015, p.301).

De acordo com Pinheiro (2015) é importante à relação e a aproximação do Patrimônio Cultural e a Educação:

Acreditamos nas interfaces entre patrimônio cultural e educação. Mas como mediar um processo educativo que permita a atribuição de sentidos aos patrimônios? Por meio de processos de conhecimento [...]. É preciso informar e formar, permitir que se traduza a realidade, que se reflita sobre o ato de conhecer, perceber nossos erros, [...]; entender que o conhecimento é uma tradução e não reflexo da realidade, que nos permite a reconstrução [...], construir discursos sobre a realidade, tensa e conflituosa. [...] é compreender a nossa condição humana, compreender a diversidade de explicações, sobretudo, compreendermos uns aos outros, realizar a comunicação humana, colocar-se no lugar do outro, uma difícil tarefa em uma sociedade individualista, que não percebe a existência do outro, que o rejeita e o reduz ao nada [...] (PINHEIRO, 2015, p. 57).

Por fim, diz a autora acima citada, o Patrimônio Cultural faz parte das escolas e dos Museus, no entanto, para que se torne real ao estudante, precisamos dar sentido e visibilidade ao Patrimônio, promover relações entre ele e a educação.

Neste sentido realizamos algumas atividades educativas com discentes do Colégio, a partir do Memorial, como por exemplo, com educandos da Educação de Jovens e Adultos – EJA do Ensino Médio. O público alcançado com essa atividade foram estudantes da Etapa 09⁷, turma 91. As oficinas aconteceram durante quatro semanas no turno noturno. Turma de trinta e cinco estudantes, cuja faixa etária variava entre jovens a partir de 18 anos até adultos com mais de 50 anos. O objetivo das oficinas pedagógicas realizadas a partir do acervo do Memorial foi estimular os estudantes à compreenderem o processo de pesquisa histórica. Pois, um dos objetivos da modalidade EJA é oferecer formação aos jovens e adultos que não tiveram oportunidades de estar em sala de aula dentro de sua faixa etária.

Nesta experiência com a EJA, os dispositivos criados pelas ações educativas no Memorial vão ao encontro desta parceria entre Estado e sociedade. A metodologia consistiu em aulas expositivas e dialogadas visando problematizar temáticas históricas e patrimoniais, concomitante às visitas ao museu. Num segundo momento, os estudantes realizaram uma releitura da história a partir do acervo, expressas em maquetes, poesias, desenhos, pinturas, colagem e cartazes representando os espaços, a história e seu sentimento pelo Colégio. A atividade teve como finalidade fomentar a criatividade, ampliar a percepção sob a história do Colégio e desenvolver habilidades como trabalhos em grupo.

Figura 3 – Trabalhos feitos por estudantes da Turma 91 - EJA do Colégio Manoel Ribas, após visita ao Memorial.



Fonte: Acervo fotográfico. Arquivo pessoal de Maria Helena Romero, Santa Maria, 2017.

⁷ Correspondente ao 3º ano do Ensino Médio regular.

A prática do lúdico na educação é uma forma privilegiada, cujo foco é o desenvolvimento pessoal, a dinâmica em grupo e a atuação cooperativa. Logo, a ludicidade é um instrumento motivador no processo de ensino e aprendizagem e na construção do conhecimento. Percebe-se que a atividade lúdica, no decorrer das atividades, contribuí para que o ensino se tornasse mais dinâmico, possibilitando que o aluno se sentissem como sujeitos ativos, o que facilitou a construção do conhecimento: “as atividades educativas que o museu oferece ao público têm por objetivo aproximar a comunidade mediante atividades pedagógicas lúdicas e de interesse coletivo” (BORIN; JOSÉ, 2016, p. 19).

Com essas ações educativas, acredita-se ter contribuído para a construção do conhecimento histórico, como também para despertar no educando o interesse pela história da cidade e do Colégio Manoel Ribas. Por outro lado, espera-se que os jovens se percebam como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer, preservar, conservar e valorizar o patrimônio que lhes pertence, pois o memorial e o conjunto de elementos que compõem seu acervo são “lugares de memória” e devem ser compreendidos como espaços de reflexão, ensino e produção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o Memorial do Colégio Manoel Ribas espera-se contribuir para a preservação e divulgação da história e memória da cidade, consolidá-lo como espaço de ensino e pesquisa, voltado para atender estudantes e a comunidade em geral. As ações pedagógicas são pensadas no sentido de aperfeiçoar e intensificar o uso do acervo do Memorial ao longo do ano letivo, e essas atividades visam complementar o currículo e trabalhos de diferentes disciplinas, ao mesmo tempo, oferecer alternativas culturais para a comunidade escolar e não escolar.

A história do Colégio Manoel Ribas também foi construída pelas memórias dos grupos sociais que se relacionaram com a escola: estudantes, professores, funcionários, pais de alunos, comunidade e demais pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta instituição de ensino. Destaca-se que esse legado não está ligado apenas ao Colégio, mas também ao seu entorno que, conforme descrito acima, identifica-se com a memória ferroviária como patrimônio local e estadual.

Assim, o Memorial do Maneco é “lugar de memória” que une o passado (Escola Santa Terezinha) ao Colégio atual, sendo ponto de referência, tanto no passado como no presente, com perspectivas para o futuro. São lembranças do passado, histórias vividas que atualmente podem ser lembradas ou conhecidas através das fotográficas, móveis, vestuários, jornais escritos pelos próprios estudantes, entre outros vestígios que revelam o cotidiano, as manifestações, a cultura educacional do Manoel Ribas ao longo dos anos letivos.

As oficinas, assim, visam desenvolver atividades com os alunos participantes, com o intuito de ampliar a consciência sobre os bens públicos e sua respectiva conservação. Tal proposta educativa visa perceber a importância do Memorial como espaço que reflete muito sobre a história do Colégio, fazendo parte da memória da comunidade escolar, da Viação Férrea do Estado do Rio Grande do Sul e da cidade de Santa Maria. Ao participarem dessa atividade espera-se que os jovens se percebam como agentes sociais da comunidade escolar e o quanto é importante conhecer e preservar o patrimônio da sociedade santa-mariense. Dessa forma, ao se envolverem com o projeto, os alunos começaram a pensar historicamente o ambiente escolar e como é desenvolvido o ofício do historiador.

Assim, refletir sobre a importância do Colégio Manoel Ribas como espaço onde se pode trabalhar a educação patrimonial é fortalecer a relação e a consciência da herança cultural nos educandos. Como a temática do patrimônio vem ocupando espaço, não somente dentro das escolas, mas à vida cotidiana das pessoas, este trabalho nos permitiu refletir sobre a educação, a cultura e a preservação do patrimônio de uma Instituição pública de Ensino, a partir da sua importância arquitetônica, histórica e do seu acervo, e também das milhares de pessoas que, de uma forma ou de outra, tem ou tiveram alguma ligação com ela.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Marina; MELLO, Luis Fernando da Silva. Patrimônio edificado pela CCEVFRGS: inventário de unidades em Santa Maria - RS. **Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável**. Belo Horizonte, v. 8, n. 1. Jan/Jun., 2015.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora: UNESP, 1998.

BORIN, Marta R.; JOSÉ, Vivian. A. S. (Orgs.). **Educação patrimonial: ações educativas**. Tubarão: Copiart, 2016. (Programa Mais Educação).

FLÔRES, José Rodolfo. **Os trabalhadores da V.F.R.G.S.: profissão, mutualismo, cooperativismo**. Santa Maria: Pallotti, 2008. (Série: Estudos Ferroviários 2).

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Museu Imperial; IPHAN, 1999.

KREBS, A. E. G. **História e vivência numa escola feminina: a Escola De Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus; 1921 a 1942**. Monografia (Curso de Pós-graduação). Faculdades Franciscanas, Santa Maria, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

MACMANUS, Paulette. Educação em Museus: Pesquisa e Prática. In: MARANDINO, M.; MONACO, L. (Org.). **Educação em Museus: Pesquisa e Prática**. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, 2013. p. 20-30.

MARANDINO, Marta. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: FE-USP, 2008.

NASCIMENTO JÚNIOR, José do; RANGEL, Marcio. A trajetória da Política Nacional de Museus: impactos sobre o campo museológico brasileiro. In: **Museologia e Patrimônio**. (Org.). GRANATO, Marcus. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins. Coleção MAST, v. 1, p. 298-315, 2015.

PEREZ, C. B. **A fotografia na narrativa histórica: o resgate da história da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul**. Campinas/SP: UNICAMP, 1998. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 55-67, out./dez. 2015**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n58/1984-0411-er-58-00055.pdf>>. Acesso em: 25/10/17.

RAMOS, Francisco Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

SANDER, Roberto. **O Museu na perspectiva da educação não formal e as tendências políticas para o campo da museologia**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Educação de Jovens e Adultos: Uma História de Complexidade e Tensões**. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista v. 5, n. 7, p. 13-27 jul./dez. 2009.

SCHLEE, A, R. A Mancha Ferroviária de Santa Maria. In: Seminário Território, Patrimônio e Memória. Santa Maria, set. 2001. **Anais** Porto Alegre: ICOMOS; Santa Maria, UFSM, 2002. p. 94-107.